

Entrevista com a educadora e professora da Pós-Graduação em Educação da Unirio **Dayse Martins Hora**, que possui mestrado em Educação pela UERJ e doutorado em Educação, na área de Currículo, pela PUC-SP, e é autora de diversos livros publicados nas áreas de formação de professores, currículo, saúde e educação, história do currículo e história da educação brasileira.

1) Qual a sua opinião sobre a inclusão da Psicologia como disciplina no Ensino Médio?

Há uma tendência há algum tempo de se pensar: “eu tenho um problema, quero discuti-lo, sensibilizar a sociedade, então vou colocar isso no currículo e, principalmente, traduzir isso numa disciplina, traduzir esse conhecimento num conhecimento escolar”. Mas isso tem complicadores muito grandes. Em primeiro lugar, há uma tendência, que se naturaliza, de pensar que os problemas enfrentados no contemporâneo serão resolvidos com o acréscimo de determinados conteúdos nos currículos na expectativa de mudanças sociais que não são uma responsabilidade única da escola. Seria a transformação do conhecimento da Psicologia em disciplina do ensino médio, um ganho para a Psicologia e para a escola? As disciplinas já são questionadas como compartimentos estanques e há críticas severas a essas formas estabelecidas, num processo de disciplinarização do pensar e do agir, colocando em camisas de força estudantes e professores, desperdiçando a oportunidade de fazer pensar.

Os resultados destes procedimentos são currículos inchados e engessados, que pouco contribuem para que os sujeitos expressem respostas mais criativas frente a complexidade do mundo contemporâneo. A Psicologia seria, então, mais uma dessas gavetas de arquivo que o currículo oficial quer comportar e que já enfrenta críticas? Qual seria o papel da Psicologia no conjunto dos currículos de ensino médio? Creio ser um grande equívoco aprisionar esse conhecimento na forma de disciplina.

Além de tudo, todo currículo tem uma moldura, que são as suas limitações, as condições materiais da sua realização. As principais condições que o limitam são o tempo e o espaço. Há cargas horárias e dias letivos previstos nos calendários escolares a serem cumpridos segundo a legislação educacional vigente. Diz-se querer *ter* a Psicologia *como* um conhecimento, mas, na verdade, o que vai ocorrer é *aprisionar* a Psicologia *numa* disciplina escolar o que é bastante diferente do conhecimento produzido pela Psicologia.

As pessoas em geral talvez não compreendam que na produção desse currículo temos os dias letivos, os espaços e as práticas. Se pensarmos que vamos conseguir contemplar num currículo todas as questões que se apresentam na complexidade do Contemporâneo, esse currículo não vai dar conta. Ele tem um espaço e um tempo para ser realizado.

Outra questão complicada é que o próprio campo da Psicologia fez algumas reflexões a respeito dos seus conhecimentos - do uso desses conhecimentos - e algumas áreas fizeram críticas, como quanto às medidas que produziam estigmas. Agora, os próprios sujeitos envolvidos nas práticas da Psicologia querem trazer os conhecimentos dessa disciplina para um conhecimento escolar obrigatório? A Psicologia foi acusada de ser um instrumento de disciplinarização. Agora ela mesma está querendo se colocar como conhecimento obrigatório e disciplinarizador? Tenho muitas dúvidas.

Será que essas questões que envolvem a Psicologia não poderiam ser tratados na sua complexidade e, aí sim, em diversas práticas nos currículos do ensino médio? Não seria mais viável entrar na escola não como uma disciplina escolarizada, mas de forma transversal? Isso não daria maior riqueza para a própria complexidade que tem esse conhecimento da Psicologia e não se adequaria melhor à complexidade que têm esses currículos? Assim, estaríamos mais adequados aos condicionantes de espaço e tempo da escola.

Acho complicadíssimo pensar, do ponto de vista nacional, que todo ensino médio agregasse mais uma disciplina. Essa tendência de colocar tudo no currículo pode parecer natural para as pessoas em geral, mas isso vai aprisionar coisas que não são possíveis de serem aprisionadas. A sexualidade e a educação ambiental são algumas delas. Você fica com um currículo inchado e sem condições de dar conta.

2) Como essas questões que passam pela Psicologia poderiam ser diluídas em outras disciplinas?

Elas poderiam ser conteúdos transversalizados no currículo, que fossem discutidos amplamente por todo o conjunto dos sujeitos que estão ali produzindo esses currículos. Há um currículo oficial, dado pelos parâmetros curriculares nacionais do MEC, mas o currículo vai pra além dele, pois há o currículo em prática. Neste último, todos esses conceitos poderiam estar transversalizados. Todos os conceitos de Psicologia que se reivindica que entrem numa disciplina seriam muito melhor trabalhados na sua complexidade se fossem trabalhados de forma transversalizada, e estariam se adequando à própria complexidade de produção dos currículos do ensino médio.

3) Havia Psicologia no ensino médio, junto com Sociologia e Filosofia, mas as três foram extintas na época do Regime Militar. Como houve retorno das outras duas, reivindica-se que a Psicologia também volte. Como você vê essa situação?

Não fiz nenhum estudo sobre a aplicação da Psicologia nesse período, mas com certeza ela estava sendo um instrumento. Será que os psicólogos querem ver novamente o seu campo de trabalho e suas práticas sendo aprisionadas? Precisaríamos pensar essas práticas, esses conceitos e esses conteúdos sempre como práticas que favorecessem a mudança, o exercício da cidadania, a emancipação, a inserção no mundo desses sujeitos que queremos formar. Será que o uso da Psicologia como disciplina nesse momento seria a favor disso ou seria voltar atrás?

A história do currículo tem uma complexidade enorme, uma vastidão. Não mergulhei nesse estudo. Mas será que o que ocorreu naquela época favoreceu a educação nesse sentido? Será que voltar a ter a Psicologia nesse momento favoreceria essa educação emancipadora, que tirasse o país dessa circunstância em que estamos? Falo dos exames internacionais que mostram que nossos alunos não tiveram um bom desempenho. Claro que há várias questões que podemos colocar quanto à formulação desses exames internacionais, mas mesmo assim, mesmo descontando todos esses problemas, não estamos nos saindo bem. Será que é a inserção de mais esse conteúdo enquanto conhecimento escolar que vai favorecer o avanço?

Eu defendo a transversalidade desses conteúdos e conceitos presentes no currículo, de forma a discuti-los melhor e não aprisioná-lo em forma de conhecimento escolar. A proposta seria *ter* a Psicologia *como* uma disciplina, o que, na verdade, é *aprisionar* a Psicologia *numa* disciplina. Não sei se todos os sujeitos do campo da Psicologia estão se

dando conta de que vão ver suas práticas disciplinarizadas, transformadas em conhecimento escolar. Isso pode ter implicações práticas no campo da Psicologia.

4) Como você vê o trabalho da Psicologia na escola?

Acho que a Psicologia tem outros espaços dentro da escola para as suas práticas, onde sua atuação é possível e necessária. Vejo o espaço da Psicologia na escola com outras práticas que não essa de transformá-la em uma disciplina que seja obrigatória. Ela se legitima e tem melhor forma de atuação em outros espaços.

Ela pode dar contribuições muito mais importantes, por exemplo, quando aparece discutindo a questão da hiperatividade – agora, todas as crianças são colocadas como hiperativas. Nesses casos, a Psicologia pode se apresentar e discutir com a educação sobre o que é isso. Também pode se apresentar para discutir a medicalização dos espaços escolares e da própria vida, discutindo o que é essa medicalização, essa facilidade com que os educadores assimilam esses processos de medicalização. Aí, acho que o papel da Psicologia é fortíssimo para “catucar o educador de vara curta”, perguntando para ele: “o que você está fazendo quando diz que uma criança é hiperativa? De que lugar você tá dizendo que ela é hiperativa?”.

Existem outros espaços onde a Psicologia pode atuar com muito mais êxito. Acho que se ver aprisionado nas malhas da grade curricular não cabe para a Psicologia.